

14:30 às 15	Abertura
1ª Mesa: Psicodélicos e Redução de Danos (15 às 16:30h)	
Mediador: Dênis Petuco – (Doutorando – UFJF)	
Sandro Rodrigues (Doutor em Psicologia – UFF)	
Tiago Coutinho (Doutor em Ciências Humanas – UFRJ; Prof. UFF e UFRJ)	
Danyel Sylvestre e Rafael Beraldo (Colaboradores do site Mundo Cogumelo)	
16:30 às 17	Debate
17 às 17:30	Intervalo
2ª Mesa: Psicodélicos e Política de Drogas (17:30 às 19h)	
Mediadora: Thamires Regina (Mestranda – UNICAMP)	
Fernando Beserra (Mestre em Psicologia PUC-SP; Prof. de Psicologia - ISERJ)	
Rodrigo Mattei (Representante da Frente Estadual Drogas e Direitos Humanos)	
Renato Cinco (Sociólogo; Vereador do Rio de Janeiro - PSOL)	
19 hs	Debate e Encerramento

Realização: Instituto Superior de Educação (ISERJ).  
Local: Rua Mariz e Barros, nº 273 – Tijuca, Rio de Janeiro.  
Inscrições: [fernando.beserra@hotmail.com](mailto:fernando.beserra@hotmail.com).

## 26 de Novembro de 2014



Evento Gratuito

### I Seminário sobre Psicodélicos -RJ

## Drogas pesadas, drogas perigosas<sup>1</sup>

por Sandro Rodrigues

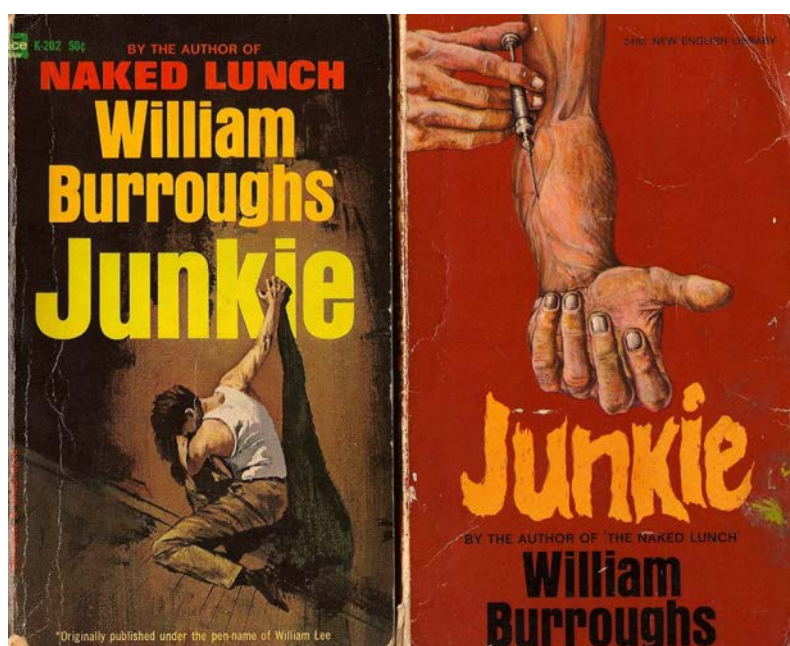
Boa tarde. Em primeiro lugar, eu gostaria de parabenizar ao Fernando Beserra pela iniciativa deste Primeiro Seminário sobre Psicodélicos do Rio de Janeiro. Eu me chamo Sandro Rodrigues, sou músico e psicólogo e acabo de defender, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da UFF, uma tese de doutorado chamada *Modulações de sentidos na experiência psicotrópica*. Nessa tese que acabo de defender, me proponho a articular a experiência psicodélica ao cuidado de usuários de medicamentos prescritos em saúde mental. Para tanto, apresento a chamada Gestão Autônoma da Medicação, ou simplesmente GAM.

A GAM é uma abordagem de intervenção em saúde mental que emergiu no Canadá nos anos 1990 e que, através de uma parceria entre a Universidade de Montreal, no Quebec, e universidades brasileiras – como a UFF, a Unicamp, a UFRJ e a UFRGS –, foi adaptada para a realidade brasileira, através da realização de grupos de intervenção em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) das cidades de Novo Hamburgo, Rio de Janeiro, Campinas e São Pedro da Aldeia. Esse trabalho com grupos traduziu e adaptou à realidade brasileira o Guia GAM canadense, instrumento voltado para usuários da saúde mental interessados em repensar sua relação com a medicação, o que teve por resultado o chamado Guia GAM-BR. A GAM está pautada na valorização da experiência dos próprios usuários de medicamentos psicotrópicos. Mas o que são psicotrópicos?

<sup>1</sup> Texto apresentado no I Seminário sobre Psicodélicos-RJ, realizado no ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro), em 26 de novembro de 2014.

A palavra psicotrópico advém da junção dos termos *psykhé* (alma, espírito, mente) e trópico (de tropismo, que em biologia indica a capacidade que algumas plantas e fungos apresentam de se moverem em direção a um estímulo atraente). Psicotrópico é o que se atrai pela mente. O dicionário de psicologia Larousse define psicotrópico como “substância natural ou sintética cuja ação sobre o sistema nervoso central é capaz de modificar a atividade mental e a conduta do indivíduo”. Podemos observar que, nessa definição de psicotrópico, não há qualquer atribuição de valor positivo ou negativo às alterações que ele é capaz de fazer no sistema nervoso central de quem o ingere. Psicotrópicos podem produzir tanto efeitos terapêuticos quanto colaterais. O termo é utilizado tanto em referência aos psicofármacos prescritos quanto a substâncias que, em razão da proibição, da proscrição, são qualificadas como drogas ilícitas. No entanto, o uso corrente que é feito dos termos fármaco e droga parece se dirigir a duas realidades totalmente distintas.

Cresci habituado a ouvir a esquisitíssima frase “Droga, se fosse bom, não tinha esse nome”. Olha o nível! Parece até a frase infame que vi na minha timeline do facebook domingo agora: “Se maconha fosse boa iria chamar-se boaconha”. Uma pérola! Mas, enfim, preciso lembrar que a palavra droga porta uma ambiguidade, pois tecnicamente é sinônimo de fármaco. Enquanto os gregos antigos usavam o termo *phármakon* significando ao mesmo tempo remédio e veneno, com a diferença residindo sobretudo na dose, hoje em dia só se usa fármaco para remédios, vendidos em farmácias... E drogarias! E, sendo bem amplo o sentido do termo droga, é fato que em nossa cultura há também esse sentido de algo ruim (*que droga!*), sentido que não ocorre somente em português, como também em inglês, onde o termo *junk* se refere tanto a “lixo, algo imprestável”, como *junk food*, quanto a drogas psicoativas, sendo que *junkie* é a pessoa viciada em drogas injetáveis.



O que vemos aqui são duas versões da capa do livro que popularizou a palavra *junkie*, escrito no início dos anos 1950, por William Burroughs, com bastante conhecimento de causa. Burroughs utilizava o termo *junk* em referência a opiáceos injetáveis, como morfina e heroína, assim como outras drogas, geralmente consideradas *drogas pesadas*. Mas o que são drogas pesadas?

Gosto particularmente de uma definição dada por um crítico musical, o Mikal Gilmore, “no auge do verão de 1967, no Haight-Ashbury, vendiam-se e se consumiam drogas pesadas – drogas que não eram o que pareciam ser”<sup>2</sup>. Meu objetivo principal hoje aqui com vocês é falar desta noção de drogas pesadas como aquelas que não são o que parecem ser. Para tentar transmitir essa ideia e, com isso, tocar na questão urgente que mobilizou o presente debate, eu gostaria de contar para vocês um pouco da história de uma das mais incríveis substâncias produzidas pela humanidade. Para isso, convido vocês para fazermos uma breve viagem no tempo.

O ano era 1929. O recém-doutor em química Albert Hofmann começou a trabalhar na companhia suíça de produtos químicos Sandoz. Hofmann tinha grande interesse em trabalhar com plantas, sobretudo aquelas cuja potência e efeitos eram muito instáveis, o que tornava difícil estabelecer uma dosagem segura para ingestão. Afinal, o que o químico suíço queria era fabricar preparados farmacêuticos mais estáveis para que se pudesse tentar estabelecer dosagens terapêuticas seguras.

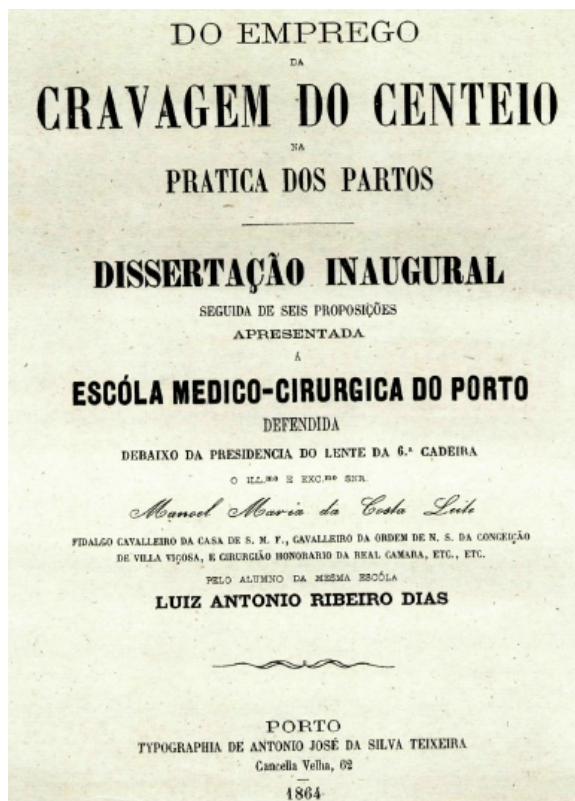


Nessa busca, Hofmann desenvolveu especial interesse no estudo não exatamente de uma planta, mas de um fungo que dá, sobretudo, em grãos de centeio. Este fungo é conhecido por nomes diversos, como cravagem do centeio, esporão do centeio, *ergot*, ou o nome que considero particularmente mais elegante, *Claviceps purpurea*. A *Claviceps* mostra muito bem que a diferença entre o remédio e o veneno está mais na dose que no rótulo. Não basta rotular algo como remédio para lhe tirar os riscos, nem basta taxar algo de droga para lhe tirar os benefícios.

O *ergot*, em doses tóxicas, podia produzir intensas perturbações mentais, ou mesmo chegar a mutilar ou matar, através do ergotismo, conhecido também como Fogo de Santo Antão, que pode se apresentar de duas formas: gangrenosa ou convulsiva. O ergotismo gangrenoso causa dor intensa e queimação de mão e pés, podendo levar à necrose dos membros, enquanto o convulsivo é marcado por espasmos musculares e convulsões acompanhadas de alucinações. Mas, em doses precisas, a *Claviceps purpurea* podia ajudar a medicina.

<sup>2</sup> GILMORE, Mikal. *Ponto final: crônicas sobre os anos 1960 e suas desilusões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No século XIX, a *Claviceps* tornou-se uma matéria-prima farmacêutica com importantes usos como remédio auxiliar do parto ou para dores de cabeça. O princípio ativo mais importante desse cogumelo, a ergotamina, foi isolada em 1818<sup>3</sup>.



Consta que a ergotamina é utilizada até hoje no tratamento das dores de cabeça que acompanham a enxaqueca. Mas é de um outro derivado isolado da *Claviceps purpurea* que eu gostaria de falar.

Em 1938, o Dr. Albert Hofmann, com a intenção de produzir um estimulante circulatório e respiratório, combinou o derivado, conhecido como ácido lisérgico, com uma série de substâncias chamadas dietilamidas. A vigésima quinta dietilamida do ácido lisérgico, sintetizada em 2 de maio de 1938, recebeu a sigla LSD-25. Alguns testes foram feitos, administrando doses diminutas da substância em animais de laboratório, resultando em fortes contrações uterinas, além de certa inquietação. A Sandoz não teve nenhum interesse nessa droga e os testes foram descontinuados.

Uma boa síntese do LSD é custosa, exigindo minúcia e cuidado. Os custos de qualquer pesquisa farmacêutica séria são altos e demandam muito tempo, além do risco de não se chegar a obter fármacos mais eficientes de fato que os já existentes. Este é apenas um dos fatores pelos quais, quando um laboratório farmacêutico se desinteressa por alguma substância qualquer, ele logo abandona toda pesquisa a respeito. Por vezes, há outros fatores, mercadológicos, como a questão das patentes, cuja discussão, no entanto, foge ao que quero chamar atenção aqui hoje.

O Dr. Albert Hofmann jamais abandonou seu compromisso ético com a pesquisa e, ao longo dos cinco anos seguintes, continuou a investigar o esporão do centeio, tendo chegado com isso a produzir fármacos importantes como o Hydergine, remédio para a circulação periférica e controle da função cerebral em desordens geriátricas, que chegou a ser, por décadas, o principal produto comercializado pela Sandoz. Em 1943, tomado pelo peculiar pressentimento de que o LSD-25 possuía importantes características, diferentes daquelas investigadas 5 anos antes, Hofmann, então diretor adjunto do laboratório de pesquisas, voltou a sintetizar o fármaco, sendo que desta vez a

3 CARNEIRO, Henrique. *Pequena enciclopédia das drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevire, 2005.

droga entrou em contato acidental com sua pele e o químico acabou sentindo efeitos bem estranhos, embora em nada desagradáveis.

Na última sexta-feira, 16 de abril [de 1943], tive que interromper o meu trabalho de laboratório no meio da tarde e ir para casa, porque fora tomado de grande inquietação e uma ligeira tontura. Em casa, deitei-me e mergulhei num estado não desagradável de delírio, que se caracterizava por fantasias extremamente excitadas. Num estado semiconsciente, de olhos cerrados (eu sentia luz como desagradavelmente ofuscante), fui invadido por imagens fantásticas de extraordinária realidade e com um intenso jogo caleidoscópico de cores. Após cerca de duas horas este estado desapareceu<sup>4</sup>.

Hofmann sentiu sua imaginação super-estimulada e, acreditando ter em mãos uma substância de poder extraordinário, decidiu ingerir uma dose experimentalmente, três dias depois.

Foi assim que, numa segunda-feira, 19 de abril de 1943, mais exatamente às quatro e vinte da tarde – conforme consta no relatório de pesquisa entregue posteriormente por Albert Hofmann ao professor Arthur Stoll –, Hofmann ingeriu 250 microgramas de LSD-25 no laboratório da Sandoz. Uma dose baixíssima, embora dez vezes maior que aquela que viria a ser considerada a mínima eficaz para se começar a sentir os efeitos psicodélicos. O que se seguiu, após a ingestão, foi talvez a mais psicodélica viagem de bicicleta de que se tem notícia. Eu conto na minha tese e recomendo a leitura direta do relato de Albert Hofmann, em seu livro *LSD: my problem child*, disponível na internet para leitura e download gratuitos. A conclusão do autoexperimento de Hofmann indicou o LSD se comportando como um psicotrópico de propriedades e potências extraordinárias. Não se conhecia outro fármaco capaz de produzir efeitos tão intensos em doses tão baixas. Hofmann, como cientista, estava seguro de que a substância teria utilidade na farmacologia, na neurologia e na psiquiatria, embora não suspeitasse ainda das dores de cabeça que a política insensata do proibicionismo e da guerra às drogas lhe causaria, duas décadas após sua descoberta.

Em seguida, estudos de laboratório indicaram a baixíssima toxicidade da substância, apesar da intensidade e imprevisibilidade de seus efeitos. E, como tais efeitos persistem mesmo quando a substância não pode mais ser detectada no organismo, os cientistas lançaram a hipótese de que “o LSD não é ativo enquanto tal, mas desencadeia certos mecanismos bioquímicos, neurofisiológicos e psíquicos que provocam a embriaguez e continuam mesmo na ausência do princípio ativo”<sup>5</sup>. Devido a este efeito poderoso em doses diminutas, o LSD atraiu a atenção de muitos psiquiatras e logo foi feita a primeira investigação sistemática da substância em seres humanos, na clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique, sendo os resultados publicados em 1947. Embora não se tenha, na

4 HOFMANN, Albert. *LSD: my problem child*. McGraw-Hill, 1980. (disponível em <<http://www.cyjack.com/cognition/lsdmyproblemchild.pdf>>)

5 HOFMANN, Albert. *LSD: my problem child*. McGraw-Hill, 1980.

ocasião, levantado a possibilidade de aplicação terapêutica, pois os efeitos não eram objetificáveis na remissão de sintomas específicos, a Sandoz se convenceu ter em mãos uma excelente ferramenta para a investigação da mente humana e começou a produzir o LSD, enviando amostras para faculdades, centros de pesquisa e terapeutas particulares, pedindo retorno sobre os resultados das investigações. As amostras do tartarato dietilamido de ácido D-lisérgico eram enviadas em tabletes de açúcar contendo 25 microgramas ou ampolas de 100 microgramas, distribuídas sob o sugestivo nome comercial proposto por Hofmann, *Delysid*.

Muitas pesquisas foram então feitas com a substância. Pesquisas clínicas, militares, artísticas, sexuais, místicas etc. Na minha tese cheguei a abordar diversas tentativas realizadas ao longo do tempo, no sentido de descrever e problematizar os princípios ativos, mecanismos e efeitos psíquicos do LSD-25, assim como de analisá-lo e classificá-lo, segundo modos diversos de se compreender tanto a experiência subjetiva quanto os dispositivos capazes de alterá-la, embora o que eu queira sublinhar aqui é que o LSD apenas desencadeia certos mecanismos que já possuímos, podendo servir inclusive como uma espécie de lente de aumento para analisarmos com mais precisão tais mecanismos. O principal não está nas substâncias em si, mas em quem as utiliza, como e em que contexto, o que também não quer dizer que não haja diferenças entre as substâncias, como se todas fossem meros placebos. E é aí que reside parte considerável do perigo que a ignorância produzida e propagada pelo proibicionismo faz recair especificamente sobre certas substâncias.

Pois, se quero dizer aqui que drogas pesadas, ou perigosas, são aquelas que não são o que parecem ser, é porque sabemos que este não é o discurso hegemônico da grande mídia. A guerra às drogas é uma guerra a pessoas. O delegado da polícia civil do Rio de Janeiro, Orlando Zaccone, secretário geral da LEAP no Brasil, em sua dissertação de mestrado em criminologia, mostrou bem como a grande mídia constrói a imagem do traficante:

Assim, surge o “traficante” no imaginário da sociedade. Um homem ou mulher sem nenhum limite moral, que ganha a vida a partir de lucros imensuráveis às custas da desgraça alheia, que age de forma violenta e bárbara, ou seja, uma espécie de incivilizado, aos quais a prisão é destinada como metáfora da jaula. O “traficante” é sempre um ser perigoso e seu encarceramento se justifica para além da realização do direito, como uma verdadeira necessidade face à sua natureza de “fera”<sup>6</sup>.

Eu quis trazer essa imagem do traficante pra gente pensar uma coisa. Não é tão diferente a imagem que a grande mídia tenta fazer dos pesquisadores, criadores de tais substâncias. Enquanto se proíbe uma substância, outras são criadas. O discurso predominante é o de que 'Eles' são tão

6 D'ELIA FILHO, Orlando Zaccone. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

perversos que você proíbe uma droga e 'eles' tem a cara de pau de criar outra bem mais perigosa. 'Eles' são assustadores, desumanos, são feios, sujos e malvados. E ainda com a chamada antecipação do momento criminalizador que ocorre em nosso proibicionismo atual, quem produz e pesquisa – por exemplo, quem cultiva maconha e pesquisa para extrair o óleo rico em CBD – é também considerado traficante. Daí, queria aproveitar então para voltar no tempo novamente para apresentar mais um personagem importante nessa história que estou querendo contar. Trata-se do químico e farmacologista Alexander Shulgin, falecido há menos de 6 meses, aos 88 anos de idade.

Sasha é conhecido como o “pai do Ecstasy”, que é como é comumente chamado o MDMA (Metilendioximetanfetamina). Não foi ele quem sintetizou o MDMA pela primeira vez, embora tenha sintetizado mais de 200 substâncias psicoativas. Sasha começou a trabalhar com química nos anos 1950 e a pesquisar substâncias psicodélicas nos anos 1960, testando-as em si próprio e, em seguida, em amigos. Em 1967, foi apresentado ao MDMA, sintetizado originalmente em 1912 e patenteado em 1914 pela empresa farmacêutica Merck. Adiante, Sasha sintetizou o fármaco e, em 1976, apresentou-o ao psicólogo californiano Leo Zeff, que passou a utilizar pequenas doses como auxiliar em psicoterapia, tendo divulgado para outros psicólogos, entre os quais, a terapeuta Ann, com quem Sasha viria a se casar em 1981. Nos anos 1990, o casal publicou dois “romances



químicos”, nos quais contam sua história de amor e listam um catálogo de fármacos psicodélicos, com detalhes sobre sua síntese, dosagens e efeitos. O primeiro, *PiHKAL*<sup>7</sup>, descreve a síntese de fenetilaminas, como mescalina e MDMA; o segundo, *TiKHAL*<sup>8</sup>, descreve a síntese de triptaminas, como o LSD e a psilocibina. A lista de substâncias, sua síntese e avaliações de Shulgin são

facilmente encontráveis na internet. Sasha costumava testar as substâncias que sintetizava primeiro em si próprio, depois ingeria com Ann e, em seguida, com amigos, até partilhar com toda comunidade científica, sem jamais se importar em patenteá-las. Vamos combinar que é algo bem diferente do que os grandes veículos de comunicação buscam formar em nossas mentes quando se remetem a pesquisadores de novas substâncias psicoativas como destruidores e gananciosos.

7 SHULGIN, Alexander; SHULGIN, Ann. *Phenethylamines i Have Known And Loved: a chemical love story* (1992)

8 SHULGIN, Alexander; SHULGIN, Ann. *Triptamines i Have Known And Loved: a chemical love story* (1997)

Bem, havíamos dito que Sasha conheceu o MDMA em 1967. O ano de 1967 é um ano emblemático para o movimento hippie de San Francisco. Foi quando rolou o famoso Verão do Amor. Já na primeira metade dos anos 1960, o LSD havia ganhado as ruas como uma substância capaz de alterar a experiência estética, alterar a sensibilidade, modular os sentidos, estimulando tanto uma liberação de costumes sexuais conservadores quanto um crescente apetite por uma espiritualidade comum, um modo de vida comum. A esquina da Haight com Ashbury, em San Francisco, era o supermercado psicodélico mundial original, o lugar onde o ácido pela primeira vez era vendido e consumido livremente em larga escala, graças principalmente a Owsley Stanley, tão fã do Grateful Dead, que aplicava grande parte da grana obtida com a venda de ácido para produzir shows da banda. E acontece que, em 1966, a grande mídia sensacionalista havia intensificado uma histeria em torno do uso de ácido e a Sandoz recolheu todo o LSD distribuído para pesquisa. Políticos se pronunciaram contra o LSD, que se tornou ilegal na Califórnia em outubro de 1966.

Quando 1967 começou, o LSD, agora proibido, havia se tornado o maior fetiche hippie. E quando teve início o verão de fato, um grande número de *bad trips* vinha ocorrendo, por conta do meio hostil em que os psicodélicos estavam sendo ingeridos. Nesse ambiente, havia surgido como que subitamente, um monte de novas substâncias. Uma delas era o DOM (2,5-dimetoxi-4-metanfetamina), que havia sido sintetizado pela primeira vez por Sasha Shulgin, em 1963, tendo o químico testado em si próprio doses de 1 a 12 mg e considerado esta última dose já bastante alta. A fórmula chegou ao amplo conhecimento da comunidade científica no início de 1967 e como estava difícil se conseguir ergotamina, essencial para a produção de LSD, Owsley Stanley decidiu sintetizar o DOM, que logo circulava em San Francisco como STP, iniciais de *Serenidade, Tranquilidade e Paz*, três coisas que a substância, infelizmente, pouco conseguiu produzir.

Quando o STP chegou nas ruas de San Francisco, em cinco mil cápsulas, doadas para a celebração do Verão do Amor, chegou em doses de 20 mg, bem acima daquelas testadas por Shulgin. Poucos sabiam do que se tratava. Com isso, durante três dias os prontos-socorros ficaram lotados de gente se sentindo mal. A substância começava a mostrar seus primeiros efeitos aproximadamente ao mesmo tempo em que surgiam os do LSD, embora os efeitos do STP iniciassem mais leves que os do LSD e levassem mais tempo para atingirem seu auge, o que levou os usuários desavisados a redosagens imprudentes que provocaram um número considerável de overdoses, embora nenhuma fatal. Muitos médicos, acreditando se tratar de LSD, prescreviam o antipsicótico Thorazine para acalmar os usuários, mas este potencializava os efeitos do STP.

Bem, agora para finalizar, o que eu quis trazer com este exemplo é exatamente o perigo da



desinformação. Drogas pesadas são aquelas que não são o que parecem ser. E isso se aplica a qualquer fármaco. Quando se adquire um medicamento em uma caixinha branca com tarja, muitas vezes se acredita estar adquirindo uma substância segura. O que eu quis ressaltar, com esse exemplo lá dos anos 1960, é que não faz sentido, em pleno ano de 2014, se anunciar o NBOMe como uma droga em si mesma perigosa. Todo fármaco pode apresentar tanto efeitos terapêuticos como indesejáveis. O que é perigoso de fato é a desinformação, produzida pelo próprio proibicionismo. Sem informação, na ignorância, no sensacionalismo, no terror moral, não dá jeito. Um dos maiores riscos na ingestão do NBOMe advém do fato de ele circular no mercado negro como LSD, o que só ocorre porque o LSD foi proibido, num ciclo vicioso. E isso se aplica a todas as drogas. Repito: o maior perigo das drogas é a desinformação. Como disse uma vez o psicólogo Timothy Leary, essas drogas parecem produzir perigosíssimos efeitos colaterais em quem nunca as conheceu. Obrigado.

## I Seminário sobre Psicodélicos - RJ



**Sandro Rodrigues é músico e doutor em psicologia, com a tese Modulações de sentidos na experiência psicotrópica (UFF), que articula o cuidado de usuários de drogas prescritas em saúde mental à experiência psicodélica, abordando pesquisas científicas, militares, clínicas, místicas, artísticas e político-culturais com o LSD-25. Membro da Frente Estadual Drogas e Direitos Humanos-RJ e um dos fundadores da Ala Psicodélica da Marcha da Maconha-RJ, é autor do livro Ritmo e subjetividade, de artigos científicos e de um capítulo do livro Atendendo na guerra: dilemas médicos e jurídicos sobre o "crack".**

**Contatos: [digitalamerindio@gmail.com](mailto:digitalamerindio@gmail.com)**

**26 de Novembro de 2014**

**ISERJ**